

#cm

2

QUINTA-FEIRA

Los Angeles sedia festival com filmes brasileiros PÁGINA 3	Confira os destaques cinéfilos da Mostra de SP PÁGINAS 4 E 5	A tragédia de Édipo pelas veredas da comédia PÁGINA 8
---	---	--

Corpos movidos a bandoneon

Focus Cia de Dança revive sua consagrada coreografia inspirada da música de Astor Piazzolla em quatro apresentações gratuitas



A multipremmiada Focus Cia de Dança ocupa o Teatro Nelson Rodrigues, da Caixa Cultural, com quatro apresentações gratuitas de uma de suas coreografias mais celebradas: “Carlota – Focus Dança Piazzolla”, espetáculo criado e dirigido por Alex Neoral.

A obra representa uma das mais poéticas homenagens ao universo das mestras da dança, construída sobre o rigor e a melancolia do tango de Astor Piazzolla

(1921-1992), bandoneonista argentino que rompeu com as convenções do tango clássico ao incorporar elementos do jazz, da música clássica contemporânea e técnicas de composição erudita, criando o que ficou conhecido como “nuevo tango” ou “tango nuevo”. A temporada marca os 25 anos da Focus, reconhecida como referência nacional e internacional da dança contemporânea. Continua na página seguinte

Elenize Dezeniski/Divulgação

CORREIO CULTURAL

Netflix/Divulgação



Rafael Vitti se deixa seduzir por um adorável cãozinho

‘Caramelo’ entra para o top 3 mundial da Netflix

Fofura pouco é bobagem. A Netflix anunciou que “Caramelo” está entre os top 3 mais vistos da plataforma no mundo inteiro. O longa, com Rafael Vitti, se tornou o filme mais visto de língua não inglesa e está entre os preferidos da semana em 81 países. Vitti interpreta Pedro, que não tem tanta intimidade assim com os animais. Cozi-

nheiro em ascensão, ele acaba deixando um cãozinho entrar em sua vida durante uma noite chuvosa, após ele causar uma confusão no restaurante em que o personagem trabalha e depois segui-lo até sua casa.

“O filme traz justamente esse olhar para o quanto um animal pode fazer diferença na sua vida”, disse o ator.

Facas afiadas

Jurado do MasterChef, o chef francês Erick Jacquin ironizou a alfinetada da Globo ao reality. Durante o evento da Globo Upfront, Renata Vanzetto, mentora do Chef de Alto Nível, menosprezou o ibope do reality cilinário da Band.

Facas afiadas II

“O MasterChef hoje é o programa de gastronomia mais conhecido do Brasil. É natural que a Globo o cite como principal referência”, devolveu Jacquin. Henrique Fogaça, chef que apresenta o MasterChef Brasil, evitou comentar o episódio.

Sombra de Odete

Vilã de “Três Graças, próxima novela das 21h da Globo, Grazi Massafera revela ansiedade com o papel. “Sei que estou pressionada depois de Odete Roitman, mas vou dar conta e superar as expectativas. Cada um cuida da sua, pelo amor de Deus!”, brinca.

Sombra de Odete II

O novo folhetim estreia na próxima segunda-feira (20). Grazi será Arminda, mulher ambiciosa e de caráter duvidoso. Vilã clássica, com os toques de humor característicos de Aguinaldo Silva. A trama marca o retorno do autor ao horário nobre.



‘Carlota’ utiliza 11 temas de Piazzolla como matriz

Espetáculo celebra o corpo como obra de arte suprema

Desde sua estreia em junho de 2023 no Sesc Copacabana, “Carlota” tem conquistado plateias lotadas em turnês por todo o país. A combinação entre dança contemporânea e as composições de Piazzolla – sempre uma paixão de Carlota Portella – resulta em espetáculo de impacto emocional singular.

“Significa muito para todos nós estar no Teatro Nelson Rodrigues. Traduz mais uma emoção na agenda dos 25 anos da Focus Cia de Dança”, declara Alex Neoral. O diretor destaca a importância simbólica da região central do Rio na trajetória da companhia, que mantém sede na Praça Tiradentes há cinco anos e regularmente estreia seus espetáculos no Theatro Municipal.

A criação utiliza 11 composições de Piazzolla como matriz coreográfica, dedicando-se às mestras que marcaram os 30 anos de trajetória profissional de Neoral: além de Carlota Portella, são cele-



bradas Regina Sauer, Giselle Tapias e Déborah Colker. Os elementos do tango inspiram livremente os movimentos, considerados entre os mais vigorosos da história da companhia.

“Ao mesmo tempo em que faço alusão à minha trajetória formativa, sou extremamente sensível à obra de Astor Piazzolla, sempre quis criar uma obra para suas composições”, revela o coreógrafo. Ele distingue “Carlota” de trabalhos

anteriores baseados em literatura e pintura, descrevendo-a como retorno ao corpo enquanto “folha em branco pronta para receber a escrita de gestos”.

O espetáculo celebra o corpo como obra de arte suprema, apresentando elenco de dez bailarinos onde homens e mulheres se tornam indistintos através dos figurinos criados por Maria Osóro. A coreografia explora solos, movimentos aéreos, engates e momentos acrobáticos, apropriando-se da melancolia característica do gênero argentino.

SERVIÇO

CARLOTA - FOCUS DANÇA PIAZZOLLA

Teatro Nelson Rodrigues - Caixa Cultural RJ (Av. República do Paraguai, 230)

16 a 19/10, quinta e sexta (19h), sábado e domingo (18h)

Entrada franca, com retirada de ingressos com 1h de antecedência na bilheteria

CinemaScopio



O Agente Secreto

Guillermo Giza/Divulgação



O Último Azul

Cinema brasileiro para gringo ver



Bravo Film Festival estreia competição de longas em Los Angeles com sete produções que mostram a diversidade do cinema brasileiro

Por Affonso Nunes

Em alta, o cinema brasileiro ganha novo impulso no mercado estadunidense com a 17ª edição do Bravo Film Festival, que acontece de 19 a 25 deste mês em Los Angeles. Pela primeira vez em sua história, o evento - considerado a principal



Papagaios

Divulgação



A Natureza das Coisas Invisíveis

Divulgação



Futuro Futuro

Divulgação

mostra de cinema brasileiro nos Estados Unidos - inaugura uma Competição de Longas-Metragens, consolidando-se como plataforma estratégica para a projeção internacional da nossa produção audiovisual.

A programação reunirá sete produções que demonstram a vitalidade e diversidade da nossa cinematografia recente. Entre

as produções selecionadas estão desde vencedores da Berlinale até estreias de novos talentos.

“O Agente Secreto”, dirigido por Kleber Mendonça Filho e estrelado por Wagner Moura, abrirá o festival já na condição de representante oficial do Brasil na corrida ao Oscar de Melhor Filme Internacional. A cerimônia de abertura terá como anfitrião

Walter Salles, cineasta vencedor do Oscar com “Ainda Estou Aqui”.

A competição premiará o Melhor Filme, Melhor Direção, Melhor Atuação e incluirá Prêmio Especial de Excelência para categorias como roteiro, trilha sonora e fotografia.

“A seleção deste ano captura o coração do Brasil”, declara Ta-

lize Sayegh, fundadora e diretora executiva do festival. “Por meio da visão ousada de nossos cineastas emergentes, convidamos o público de Los Angeles a experimentar a paixão, a complexidade e a imaginação que definem o cinema brasileiro.”

Entre os longas selecionados destacam-se “O Último Azul”, de Gabriel Mascaro, reflexão sobre envelhecimento; “Papagaios”, estreia de Douglas Soares como sátira sobre obsessão televisiva; “A Natureza das Coisas Invisíveis”, de Rafaela Camelo, que abriu a seção Generation K Plus da Berlinale; e “Futuro Futuro”, ficção científica lo-fi de Davi Pretto que conquistou o prêmio de Melhor Filme no Festival de Brasília.

As outras produções selecionadas são “Mambembe”, de Fabio Meira, uma exploração íntima e poética da arte e da conexão entre um topógrafo e uma trupe de circo itinerante; “Cais”, de Safira Moreira, um documentário meditativo sobre luto, ancestralidade e identidade afro-brasileira; e “Nó”, a poderosa estreia de Laís Melo sobre feminilidade e resiliência da classe trabalhadora;

O diretor artístico Thiago Macêdo Correia enfatiza a importância estratégica da seleção. “Ela reúne cineastas com vozes distintas que estão redefinindo como as histórias do Brasil são contadas. Esses filmes mostram a criatividade de um país em transformação, e estamos entusiasmados em compartilhar essa energia com Los Angeles.”

O evento Bravo FYC (For Your Consideration), em 21 de outubro, amplia as oportunidades de projeção internacional ao destacar candidatos brasileiros para outras categorias da temporada de premiações. Com apoio do Consulado Geral do Brasil e parceria com o jornal Los Angeles Times, o encontro no Linwood Dunn Theater apresentará ainda “Amarela”, de André Hayato Saito; “Alice”, de Gabriel Novis; e “Apocalipse nos Trópicos”, de Petra Costa.



Springsteen: Salve-me do Desconhecido

20th Century Studios



Seis Dias Naquela Primavera

Divulgação



Eclipse

Divulgação



A Memória das Borboletas

Miti Films

A 49ª edição da Mostra de São Paulo abre suas telas para o público e promete 380 filmes de 80 países daqui até o próximo dia 30, com estreias brasileiras de peso

Pauliceia desvairada por imagens

Por **Rodrigo Fonseca** Especial para o Correio da Manhã

É uma vocação histórica da Mostra de São Paulo exibir potenciais concorrentes ao Oscar, o que justifica a presença de “Springsteen: Salve-me do Desconhecido”, de Scott Cooper, na grade da edição 49 que, a partir desta quinta (16), promete 380 filmes vindos de 80 países à população cinéfila do país. Baseado no livro de Warren Zanes, a produção estrelada por Jeremy Allen White acompanha a criação do álbum “Nebraska”, de 1982, quando Springsteen era um galeto ao belo canto na música, à beira do estrelato, lutando para conciliar as pressões do sucesso com os fantasmas do passado. Captado em um gravador de 4 canais no quarto do cantor, o LP dividiu águas em sua obra e é considerado um signo de uma América em tempo de desterro, assombrada pelos fantasmas de sua invasão ao Vietnã. Espectros políticos de variadas ordens povoam muitas das produções convocadas pela maratona paulistana, que segue até o próximo dia 30, quando a exibição de “Jay Kelly”, de Noah Baumbach, encerra a programação. Esse também é um oscarizável em potencial, pelo desempenho de Adam Sandler como coadjuvante numa trama sobre um astro em baque existencial (George Clooney).

Têm produções do planeta todo no menu, sendo que 85 delas têm DNA brasileiro, incluindo “O Filho de Mil Homens”, com Rodrigo Santoro à frente uma narrativa pavimentada sobre a prosa de Valter Hugo Mãe. O escritor lusitano é o autor do cartaz oficial desta Mostra e virá ao país para debates. Confira dicas do que promete agitar as telonas da metrópole.

SEIS DIAS NAQUELA PRIMAVERA (“Six Jours Ce Printemps-Là”), de Joachim Lafosse (Bélgica): Melhor filme do 73º Festival de San Sebastián, de onde saiu com prêmios de Melhor Direção e Melhor Roteiro, este estudo sobre maternidade condena suas plateias a jamais esquecerem a trilha sonora do pianis-

ta holandês Reyn Ouwehand. Sob o emballo dela, Lafosse nos apresenta uma personagem inesquecível, Sana (Eye Haïdara), jovem mãe solteira que leva seus gêmeos à vila, hoje vazia, de seus ex-sogros, na Riviera.

A MEMÓRIA DAS BORBOLETAS (“La Memoria de las Mariposas”), de Tatiana Fuentes Sadowski (Peru): Um merecido Prêmio da Crítica na Berlinale ampliou o futuro desta produção documental peruana. Tatiana teve sua atenção capturada por uma foto antiga de dois homens indígenas levados a Londres para serem “civilizados” por volta da virada do século XX. Seus nomes eram conhecidos - Omarino e Aredomi - mas pouco ou quase nada se sabia sobre eles. Por isso, Tatiana sentiu-se compelida a se aprofundar no passado da dupla - e de sua pátria.

ECLIPSE, de Djin Sganzerla (Brasil): A premiada atriz de “Falsa Loura” (2008) narra a saga de Cleo, astrônoma de 43 anos grávida (vivida pela própria Djin) que é surpreendida pela visita de sua meia-irmã Nalu, de origem indígena (papel de Lian Gaia). Ela revela um segredo perturbador, despertando memórias fragmentadas.



Garça Azul



Duas Vezes João Liberada



Democracia Sob Cerco



Aurora 15



Maya Me Dê um Título



Cadernos Negros



Duas Estações, Dois Estranhos

GARÇA-AZUL (“Blue Heron”), de **Sophy Romvary** (Canadá/ Hungria): Um painel de angústias geracionais, este drama sobre amadurecimento e aceitação familiar rasga corações ao falar de desamparo. Tudo se passa no fim da década de 1990, quando Sasha, de oito anos, e sua família de imigrantes húngaros, mudam-se para uma nova casa, em Vancouver. Seu recomeço é interrompido pelo comportamento cada vez mais perigoso de Jeremy, o filho mais velho, que esbanja desconforto diante do Novo Mundo.

DEMOCRACIA SOB CERCO (“Democracy Under Siege”), de **Laura Nix** (Bélgica/ EUA): Pontuado pelos comentários políticos afiados e bem-humorados da cartunista Ann Telnaes, a partir de sua visão privilegiada de Washington, D.C., este documentário expõe a complexa história e os desafios do sistema político mais influente do mundo, em um dos momentos mais extremos e decisivos da democracia americana em seus quase 250 anos de existência.

MAYA, ME DÊ UM TÍTULO (“Maya, Donne-Moi Un Titre”), de **Michel**

Gondry (França): O mestre do videoclipe resolve apostar na animação, fazendo um experimento nas raízes da colagem, estruturado como uma carta de amor à sua filha. Faz dela personagem, numa reflexão sobre como as crianças reinventam a realidade a partir de referências banais do cotidiano.

CARACOL BRANCO (“White Snail”), de **Elsa Kremser e Levin Peter** (Áustria): Vencedor do prêmio de melhor atuação (dado à dupla Marya Imbro e Mikhail Senko) no Festival de Locarno, onde ganhou ainda o Prêmio Especial do Júri. Em seu enredo, uma modelo bielorrussa, que sonha com uma carreira na China, se envolve com um homem solitário e misterioso, que trabalha no turno da noite em um necrotério. Esse encontro transforma sua percepção sobre corpo, beleza e mortalidade.

ROSEMEAD, de **Eric Lin** (EUA): Lucy Liu dá um passo além nesta carreira numa produção com cheiro de Oscar, laureada com o Prêmio do Público em Locarno. Situado no coração do San Gabriel Valley, com base numa história real, o filme é a

saga de uma imigrante chinesa com doença terminal que descobre a perturbadora fixação de seu filho adolescente por tiros em massa. À medida que sua saúde se deteriora, ela toma medidas cada vez mais desesperadas - e moralmente complexas - para protegê-lo e enfrentar as trevas que o atraem.

ABAIXO DAS NUVENS (“Sotto Le Nuvole”), de **Gianfranco Rosi** (Itália): Nápoles luta contra duas ameaças vulcânicas: o Vesúvio e o Campi Flegrei. Em meio a tremores cada vez mais intensos, arqueólogos trabalham enquanto os moradores vivem ansiosos, assombrados pelo destino que outra cidade, Pompeia, teve no passado, ao ser arrasada pela lava. O desafio do povo napolitano é contar com a eficácia dos serviços de emergência, que se esforçam como podem, mas nem sempre vencem as demandas.

AURORA 15, de **José Eduardo Belmonte** (Brasil): Exercício do diretor de “Gorila” (2012) e “Quase Deserto” (2025) pelas veredas da fantasia, com Carolina Dieckmann e Marjorie Estiano. Um jovem casal se muda para a

casa dos sonhos. Quando estão prestes a assinar o contrato com a corretora, um senhor e sua filha adolescente invadem o espaço, alegando estarem sendo perseguidos por dois homens armados com a intenção de matar a menina. A noite logo chega e a menina já não possui mais a forma humana.

DUAS VEZES JOÃO LIBERADA, de **Paula Tomás Marques** (Portugal): A partir das vivências de um corpo avesso ao binarismo histórico, inconformado com o dito “determinismo biológico”, este experimento poético festeja o desejo de pessoas que almejam ser as profetas de suas próprias histórias, embora a Inquisição cruze seu caminho.

CADERNOS NEGROS, de **Joel Zito Araújo** (Brasil): Um dos pilares da luta antirracista no audiovisual das Américas, o realizador volta a se embrenhar pela não ficção, evocando a prosa de Carolina Maria de Jesus (1914-1977), para contar a história da séria literária criada em 1978 em São Paulo. É um olhar para a peleja da população negra para afirmar sua voz na arte da escrita.

O DIA DE PETER HUJAR (“Peter Hujar’s Day”), de **Ira Sachs** (EUA): Este drama afetivo sobre cumplicidade lotou sessões na Berlinale e brilhou em Sundance, ampliando o prestígio de um profissional brasileiro, seu montador, o paulista Affonso Gonçalves, que editou “Ainda Estou Aqui”. Essa reconstituição da cena cultural nova-iorquina da década de 1970, centra-se no convívio entre a escritora Linda Rosenkrantz e o fotógrafo Peter Hujar (1934-1987), vividos por Rebecca Hall e Ben Whishaw.

DUAS ESTAÇÕES, DOIS ESTRANHOS (“Two Seasons, Two Strangers”), de **Sho Miyake** (Japão): Ganhador do Leopardo de Ouro de Locarno, em 2025, esta produção trava um diálogo com as HQs de Yoshiharu Tsuge, um mestre dos mangás. No enredo do longa, o casal Nagisa e Natsuo se encontra à beira-mar. Engatam um esboço de romance trocam palavras constrangedoras e entram no oceano encharcado pela chuva. Essa porção do longa se passa num verão. Já no inverno, Li, uma roteirista, viaja para uma vila coberta de neve. Lá, ela encontra uma pousada administrada pelo taciturno atendente chamado Benzo. Suas conversas raramente se conectam, mas eles partem em uma aventura sentimental inesperada.



'Frankenstein'
estreou no
fim de agosto
no Festival de
Veneza, na
disputa pelo

Leão de Ouro



Divulgação

Guillermo Del Toro na ponte aérea

A Mostra de São Paulo e o Rio Fantastik celebram o legado do diretor mexicano que faz da fantasia a argamassa de seu cinema autoral

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Tem “Frankenstein” esta noite, às 20h50, na Cinemateca Brasileira, no arranque da Mostra de São Paulo, com projeções ainda no sábado (às 18h15, no Multiplex Playarte Marabá) e segunda (às 20h, no Cinesesc), sintonizando a maratona cinéfila da maior metrópole do país com a obra de Guillermo Del Toro. Nesta terça, às 20h30, o legado do artesão autoral mexicano ganhou telas na programação do Rio Fantastik, que mobiliza o Estação NET Botafogo 2 com uma exibição de “A Forma da Água”, o ganhador do Leão de Ouro de 2017. Essa dupla participação, na ponte aérea RJ e SP, mobiliza as atenções das suas maiores metrópoles do país acerca de uma estética de gênese latino-americana

que encantou Hollywood.

Superprodução de US\$ 120 milhões com a grife da Netflix, “Frankenstein” estreou no fim de agosto no Festival de Veneza, na disputa pelo Leão de Ouro. Assim que começou a desenvolver “Pinóquio”, que lhe rendeu o Oscar de Melhor Animação em 2023 (e hoje está em streaming), o cineasta comparou o boneco de pau chegado a uma mentirinha ao Prometeu da autora Mary Shelley (1797-1851). A analogia vinha do fato de ambos terem sido criados em resposta à carência (e à prepotência demiúrgica) alheia, sendo cobrados por um padrão de conduta que não condiz com a natureza que a Ciência lhes ofereceu.

Nesse regresso de Del Toro à telona, o inventor Victor Frankenstein (Oscar Isaac) cria uma monstruosidade (encarnada pelo ator Jacob Elordi) para satisfazer seu



Divulgação

A Forma da Água ganhou o Leão de Ouro de 2017

desejo de ser Deus por um dia. A questão é saber que criatura é mais terrível: o ser alimentado por choques elétricos que tal cientista criou ou ele mesmo, Victor, em sua despótica ambição.

“Este filme conclui uma pes-

quisa que, para mim, começou nos meus sete anos, quando vi pela primeira vez os filmes de Frankenstein de James Whale. Naquele momento crucial, senti um sobressalto de consciência: o terror gótico tornou-se minha religião e Boris Kar-

loff, o meu Messias. A obra-prima de Mary Shelley está repleta de perguntas que queimam minha alma: perguntas existenciais, ternas, selvagens, sem saída, como só uma mente jovem pode fazer e às quais apenas os adultos e as instituições acreditam poder responder. Para mim, porém, apenas os monstros detêm a resposta para todos os mistérios. Eles são o mistério”, poetiza Del Toro em depoimento ao site do festival veneziano.

Com “A Forma da Água”, que regressa ao alcance da cinefilia carioca via Rio Fantastik com exibição na próxima terça-feira (21), Del Toro ganhou as estatuetas Melhor Filme e Melhor Direção na festa do Oscar de 2018. Á época, essa produção, orçada em US\$ 20 milhões, faturou cerca de nove vezes mais, contabilizando US\$ 195 milhões. Exibido na abertura do Festival do Rio de 2017, o longa faz uma celebração da força pop da fábula. Conhecido por “Scaramourche”, Rafael Sabatini dizia que “nos momentos em que o mundo se mostra louco, o herói é aquele que mantém o senso de humor”. Pois “The Shape of Water” (seu título original) é bem-humorado, porém sua dimensão fabular fala mais alto do que seu potencial cômico. É um ensaio sobre o lugar essencial do “Era Uma Vez...” em tempos de colapso moral. E faz essa ode à Carochinha em forma de história de amor. Pode existir algo mais transgressor? Sua vitória na festa da Academia de Hollywood simbolizou uma vitória da fabulação em dias de saturação do Real e de hibridismo documental. Trata-se de uma investigação sobre o lugar da fábula como bunker de resistência para os esvaziamentos simbólicos e o sucateamento da moral. É uma mistura de “Splash - Uma Sereia em Minha Vida” com “O Monstro da Lagoa Negra”. Na trama, uma faxineira de um laboratório secreto (Sally Hawkins) se apaixona por um tritão capturado em águas amazônicas.

É o padrão Del Toro de transgredir mesmices. Ele volta a ser reverenciado pela Mostra de São Paulo com uma projeção de seu “Cronos”, de 1992, neste sábado, no Reserva Cultural, às 14h40.

Som na viola!

Moda de Rock leva ao Blue Note Rio sua releitura de clássicos do rock com violas caipiras

Por Affonso Nunes

O que começou como brincadeira pedagógica em 2007 transformou-se em um dos projetos mais originais da música instrumental brasileira. Ricardo Vignini e Zé Helder, dupla responsável pelo Moda de Rock, apresentam nesta quarta-feira (16), às 20h, um espetáculo que comprova como a viola caipira pode dialogar com os clássicos do rock mundial sem perder sua identidade.

A ideia surgiu quando os dois músicos e professores decidiram demonstrar aos alunos



Divulgação

Os músicos Ricardo Vignini e Zé Helder levaram suas raízes rurais para o universo do rock com releituras surpreendentes

o potencial expressivo da viola caipira, revisitando simultaneamente a trilha sonora de sua própria adolescência. O resultado foi uma proposta inédita: versões instrumentais de clássicos do rock adaptadas para a sonoridade rural brasileira.

Ao longo de 17 anos, o projeto consolidou-se com quatro álbuns que documentam essa jornada experimental. O primeiro registro, “Moda de Rock – Viola Extrema” (2011), incluiu versões ousadas como “In the Flesh” (Pink Floyd) e “Master of Puppets” (Metallica). “Moda de Rock II” (2016) ampliou o repertório com releituras de Iron Maiden, Queen, Dire Straits, Slayer e Ramones.

Em 2018, a dupla dedicou um álbum inteiro ao Led Zeppelin com “Moda de Rock Toca Led Zeppelin”, explorando a complexidade harmônica do quarteto britânico através da viola. O projeto ganhou nova dimensão em 2022 com “Moda de Rock Brasil”, voltado exclusivamente para o rock nacional, incluindo arranjos para Mutantes, Raul Seixas, Novos Baianos, Ira!, Plebe Rude, Cólera e Camisa de Vênus.

Essa fórmula levou a dupla a se apresentar nos Estados Unidos e Argentina, comprovando o apelo universal dessa fusão improvável.

SERVIÇO

MODA DE ROCK

Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana) | 16/10, às 20h
Ingressos a partir de R\$ 60

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Estética noventista

Lelê Azevedo apresenta show de lançamento do EP “Garota Errada” nesta quinta (16), às 21h, no Audio Rebel. O trabalho autoral traz cinco faixas que transitam entre pop rock e indie pop, incluindo “Final Feliz”, “Amigos do Fim” e “Recaída”. “São canções feitas para cantar alto, chorar se sentir vontade, dançar e viver cada sentimento. A música é meu acalento, minha essência e minha fortaleza”, explica a artista. O videoclipe da faixa-título foi produzido por estudantes da PUC-Rio com estética inspirada no rock dos anos 90.

Steff Lima/Divulgação



Autoralidades

A cantora e compositora Liza Lou apresenta show da turnê de seu EP “Doce Confusão” nesta quinta-feira (16), às 21h, no palco do Manouche. O trabalho reúne cinco faixas que misturam pop, MPB, samba e influências afro-brasileiras. Com três músicas inéditas e os singles “PSIU” e “Meu Dengo”, o projeto marca uma fase mais autoral da artista carioca. Gravado em formato intimista, o trabalho reúne canções que exploram temas como afeto, memória e força feminina, consolidando a voz de uma das promessas da nova geração musical brasileira.



Divulgação



Divulgação

Ecos de Hendrix

O guitarrista Fernando Vidal apresenta no Blue Note Rio nesta quinta (16), às 22h30, um tributo especial a Jimi Hendrix. Com mais de 40 anos de carreira, Vidal já colaborou com artistas como Gabriel o Pensador, Lenine, Luiz Melodia, Elba Ramalho, Gilberto Gil, Cassiano, Daniela Mercury e Paula Toller. Atualmente, integra a banda de Seu Jorge e lidera o Fernando Vidal Trio. No palco, será acompanhado por André Carneiro no baixo e Estevan Barbosa na bateria, prometendo uma noite de virtuosismo em torno dos clássicos do lendário guitarrista.

Pedro Nicoll/Divulgação



“Incorporar situações atuais da política nacional nas cenas tem sido um acerto”

Thiago Bomilcar Braga

Stand-up tragicômico

Os elementos da tragédia de Sófocles são encenados sob os filtros do humor em ‘Édipo De Novo?’

‘Édipo De Novo?’ transforma tragédia grega em comédia com referências atuais no Teatro Cândido Mendes

A tragédia mais famosa da dramaturgia ocidental é ressignificada pelas veredas do humor. “Édipo De Novo?”, em cartaz no Teatro

Cândido Mendes até 26 de outubro, quer mostrar ao público que até mesmo a milenar tragédia de Sófocles pode arrancar risadas quando filtrados pela irreverência do teatro besteirol.

A montagem de Thiago Bomilcar Braga transforma o drama de Édipo em comédia sem perder a essência da narrativa original. O espetáculo percorre toda a saga desde Laio até a queda de Édipo, mantendo fidelidade aos grandes momentos da trama - maldições, profecias, parricídio, incesto e cegueira - mas temperando tudo com deboche.

“Além de ‘Édipo’ ser um clássico muito conhecido, sempre presente no circuito teatral, a

história traz uma diversidade de acontecimentos que mantém o interesse do público e proporciona brincar com o gênero”, explica o diretor. A estratégia funciona: onde Sófocles construiu catarse através do terror e da piedade, Braga encontra alívio cômico sem descaracterizar o poder dramático da obra.

O quarteto formado por Aline Cruz, Fabio Làura, Felipe Pêpe e Laurent Janod assume múltiplos papéis, alternando en-

tre narração e interpretação, misturando linguagem clássica com referências contemporâneas. A proposta dialoga com tradições teatrais diversas: a sátira do teatro de revista, o exagero dos melodramas latinos e a espontaneidade do improviso.

“Toda semana nos reunimos antes do espetáculo para entender o que tem bombando nas redes sociais e noticiários. A partir disso, vemos o que encaixa melhor na história e acrescentamos em forma de piadas, gags ou sátiras”, revela Thiago. É uma dinâmica mantém o espetáculo sempre atualizado, criando pontes entre a Tebas antiga e o Brasil do século 21.

A montagem, conta o encenador, nasceu de processo de estudo em 2022, consolidando-se como alternativa criativa para aproximar o público dos clássicos. “Criar humor em cima da mais clássica tragédia grega deixou a história de Sófocles mais palatável e acessível para quem nunca tinha assistido”, destaca Braga.

O resultado é um espetáculo que desmistifica a complexidade aparente da dramaturgia grega, provando que os grandes temas universais - destino, poder, família, conhecimento - podem ser abordados com leveza sem perder profundidade. A irreverência carioca serve como tradução cultural, tornando Édipo um personagem próximo e suas desventuras, paradoxalmente, divertidas.

“Acho que estamos ainda mais afiados, entendendo o que funciona e o que não funciona no espetáculo. Incorporar situações atuais da política nacional nas cenas tem sido um acerto”, acredita o diretor.

SERVIÇO

ÉDIPO DE NOVO?

Teatro Cândido Mendes (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema)
Até 26/10, aos domingos (20h), com sessão extra no sábado (25)
Ingressos: R\$ 60 e R\$ 30 (meia)